

A ALIANÇA IGUALITÁRIA

Ao anoitecer de sábado 19, após o opíparo banquete, os líderes da NATO ordenaram o ataque contra a Líbia.

É claro, nada podia acontecer sem que os Estados Unidos reclamassem seu papel irrenunciável de máximo chefe. Do posto de comando dessa instituição na Europa, um oficial superior proclamou que se iniciava a “Odisséia do Amanhecer”.

A opinião pública mundial estava comovida pela tragédia do Japão. O número de vítimas do terremoto, do tsunami, e do acidente nuclear, não tem deixado de crescer. Já são dezenas de milhares as pessoas mortas, desaparecidas e irradiadas. Crescerá consideravelmente também a resistência ao uso da energia nuclear.

O mundo está sofrendo ao mesmo tempo as conseqüências da mudança climática; a escassez e o preço dos alimentos, as despesas militares e o esbanjamento dos recursos naturais e humanos, crescem. Uma guerra era o mais inoportuno que podia acontecer nestes momentos.

O percurso de Obama por América Latina passou para um segundo plano, ninguém apenas se ocupa do tema. No Brasil, tornaram-se evidentes as contradições de interesses entre os Estados Unidos e esse país irmão.

Não se pode esquecer que o Rio de Janeiro concorreu com Chicago pela sede dos Jogos Olímpicos de 2016.

Obama quis se congregar com o gigante sul-americano. Falou do “extraordinário ascenso do Brasil” que tem chamado a atenção internacional e elogiou sua economia como uma das que mais rápido cresce no mundo, mas não se comprometeu, no mais mínimo, com apoiar o Brasil como membro permanente do privilegiado Conselho de Segurança

A Presidenta brasileira não hesitou em expressar sua inconformidade com as medidas protecionistas que os Estados Unidos aplicam ao Brasil, através de tarifas e subsídios que têm constituído um forte obstáculo à economia desse país.

O escritor argentino Atilio Boron afirma que a Obama “...o que [...] mais lhe interessa em sua qualidade de administrador do império é avançar no controle da Amazônia. Requisito principal desse projeto é entorpecer, visto que não pode deter, a crescente coordenação e integração política e econômica em andamento na região e que tão importantes têm sido para fazer naufragar a ALCA em 2005 e frustrar a conspiração secessionista e golpista na Bolívia (2008) e no Equador (2010). Também deve tratar de plantar a discórdia entre os governos mais radicais da região (Cuba, a Venezuela, a Bolívia e o Equador) e os governos ‘progressistas’
–principalmente o Brasil, a Argentina e o Uruguai...”

“Para os mais ousados estrategistas estadunidenses a bacia amazônica, ao igual do que a Antártida, é uma área de livre acesso onde não se reconhecem soberanias nacionais...”

Amanhã Obama se desloca para o Chile. Chegará precedido de uma entrevista que concedeu ao jornal El Mercurio, publicada hoje domingo, na qual confessa que o “Discurso para as Américas” —assim o qualifica— está na base de uma “aliança igualitária” com a América Latina, que quase nos deixa sem fôlego ao rememorar “A Aliança para o Progresso” que precedeu a expedição mercenária de Playa

Girón.

Confessa textualmente: “nossa visão para o hemisfério [...] está fundada no conceito de aliança igualitária que tenho perseguido desde que assumi a Presidência dos Estados Unidos”.

“Também focarei áreas específicas nas quais podemos trabalhar juntos, como o crescimento econômico, a energia, a segurança cidadã e os direitos humanos’...”

“Essa visão, sublinhou, tem por objetivo ‘melhorar a segurança comum, espalhar as oportunidades econômicas, garantir um futuro energético limpo e apoiar os valores democráticos que partilhamos.”

“...promover um hemisfério seguro, estável e próspero em que os Estados Unidos e os nossos aliados partilhem responsabilidades em assuntos chaves, tanto a nível regional quanto global.”

Tudo, como pode ser apreciado, maravilhosamente belo, digno de ser enterrado como os segredos de Reagan, para publicá-lo dentro de 200 anos. A questão é que tal e como informa a agência DPA, segundo uma sondagem feita pelo jornal La Tercera “...43 por cento da população chilena rejeitava as usinas nucleares em 2006”.

“Dois anos depois a rejeição subiu para 52 por cento e em 2010 chegou a 74 por cento.” Hoje, após o acontecido no Japão atinge “...86 por cento dos chilenos...”

Só faltaria fazer-lhe uma pergunta a Obama. Levando em consideração que um dos seus ilustres predecessores, Richard Nixon, promoveu o golpe de Estado e a morte heróica de Salvador Allende, as torturas e o assassinato de milhares de pessoas, pedirá o senhor Obama desculpas ao povo do Chile?

Fidel Castro Ruz
20 de março de 2011
20h14

Data:

20/03/2011

Source URL: <http://www.comandante.biz/pt-pt/articulos/alianca-igualitaria?page=0%2C0%2C0%2C0%2C0%2C0%2C0%2C0%2C2>